

Uma Análise Interbehaviorista da Participação de Eventos Privados no Comportamento Verbal

(An Interbehavioral Analysis of the Participation of Private Events in Verbal Behavior)

Miguel Abdala^{*,1}, Abraão Figueira de Melo^{*}, Sadie Lynn Klassen^{*}, Bethany Contreras^{*} e Hernando Borges Neves Filho^{**}

^{*}University of Nevada, Reno
(United States of America)

^{**}Universidade Estadual de Londrina
(Brasil)

Resumo

Eventos privados são tradicionalmente discutidos no behaviorista radical de Skinner e isto define uma maneira de trabalhar subjetividade humana em termos comportamentais. Apesar dos avanços desta perspectiva, vantagens e limitações podem ser delimitadas a respeito da utilização do conceito de eventos privados nessa filosofia. Diante disto, o presente ensaio conceitual pretende apresentar uma visão interbehaviorista sobre esse tópico de discussão, de maneira a elucidar certas limitações do uso desse conceito. Para isto, serão apresentados: (1) os tratamentos de Skinner e Wittgenstein quanto a teorias representacionistas tradicionais do século XX e a influência destas em teorias funcionalistas da linguagem, (2) a abordagem behaviorista radical de eventos privados, (3) o papel da observação enquanto acesso à história comportamental, (4) uma abordagem interbehaviorista quanto à história como fator presente em um evento psicológico e (5) implicações de uma abordagem de campo de evento para o desenvolvimento de avaliações comportamentais. Por fim, espera-se que esta discussão possa auxiliar na construção de uma ponte entre os domínios teórico e empírico, de modo a fomentar novos protocolos, medidas e avaliações comportamentais que se beneficiem de uma lógica de campo psicológico com respeito a eventos linguísticos.

Palavras-chave: comportamento encoberto, psicologia de campo, behaviorismo

1 Endereço para correspondência: Miguel Abdala. E-mail: mmaciel@unr.edu

Abstract

The analysis of private events has traditionally been framed within Skinner's radical behaviorism, which offers a behavioral approach to human subjectivity by treating private phenomena as covert behaviors subject to the same contingencies as public behaviors. While this perspective represents a significant advancement over dualistic theories of mind, both its strengths and limitations become apparent when examining its conceptualization of private experiences. Parallel to this behavior-analytic tradition, interbehaviorism presents an alternative framework for addressing subjectivity through its non-causal, field-based logic of psychological events. This conceptual paper proposes an interbehavioral perspective on private events to clarify persistent limitations in representationalist theoretical treatment. The discussion proceeds through five systematic sections: First, we examine Skinner's and Wittgenstein's critiques of 20th century representationalist theories and their collective influence on functionalist approaches to language. This historical analysis reveals how both thinkers challenged mentalistic explanations while establishing behavior-based alternatives. Second, we analyze the radical behaviorist treatment of private events, highlighting its successes in naturalizing private events while identifying unresolved tensions in its causal framing of covert-verbal behavior. Third, we reconsider the role of observation in accessing behavioral history, arguing that interbehaviorism's focus on fields of participating factors provides a more nuanced account than radical behaviorism's reliance on inference. Fourth, we present J. R. Kantor's interbehavioral approach to history as a constitutive factor within psychological events, emphasizing how field logic avoids the mechanistic pitfalls of traditional behavioral accounts. Finally, we suggest some implications of this field-based model for developing behavioral assessments, particularly in clinical and linguistic domains where representationalist assumptions often persist. We argue that the interbehavioral framework achieves three critical advantages: (1) its field logic eliminates the need for causal mediation between public and private events, (2) its focus on event fields provides a more parsimonious account of behavioral continuity than radical behaviorism's reliance on hypothetical constructs, and (3) its non-representational approach aligns with contemporary developments in embodied cognition while maintaining strict naturalism. The paper demonstrates how this perspective can inform the creation of assessment protocols that track psychological events without reifying internal states—particularly through its treatment of linguistic behaviors as field properties rather than private representations. By bridging theoretical and empirical domains, this analysis aims to stimulate three developments: (1) the focus on investigative strategies that operationalize field relationships based on cumulative observations rather than inferred mental processes, (2) systemically coherent clinical assessments that avoid representationalist assumptions about private experiences, and (3) empirical designs that treat psychological events as integrated fields rather than sequences of causes and effects. We conclude that interbehaviorism offers a productive path forward for behavior science, preserving radical behaviorism's naturalistic commitments while providing a coherent framework for studying subjectivity. This shift promises

to advance both theoretical clarity and practical applications across behavioral research and intervention settings.

Keywords: covert behavior, field psychology, behaviorism

A análise do comportamento é uma disciplina científica definida pela investigação e descrição de relações entre o organismo e o ambiente (Skinner, 1953). Cientistas do comportamento planejam e conduzem investigações para definir unidades de resposta significativas a partir do fluxo contínuo de atividades dos organismos, bem como as variáveis controladoras relevantes (Nelson & Hayes, 1979). No entanto, a descrição de interações psicológicas (i.e., relações organismo-ambiente) se torna uma tarefa complexa à medida que as interações envolvem a participação de mais elementos constituintes. Conforme um aumento no número de fatores participando de uma interação psicológica, tanto cientistas quanto prestadores de serviço podem se deparar com desafios metodológicos. Um caso particular de complexidade é o de comportamentos classificados como verbais ou linguísticos. Embora estes não sejam o único tipo de comportamento envolvendo a participação de múltiplos fatores, sua frequência e generalidade em atividades humanas justifica uma atenção especial por parte de cientistas do comportamento.

Para Skinner (1957) e, portanto, para as agendas de pesquisa baseadas em sua obra, o comportamento verbal do falante é um operante que se estabelece por meio do reforçamento produzido por um ouvinte, cujo comportamento de mediar foi especialmente condicionado por uma comunidade verbal. Em contrapartida, o comportamento verbal de um falante é uma variável que mantém o comportamento de mediar consequências do ouvinte. Neste sentido, Skinner descreve este entrelaçamento de contingências de reforçamento envolvendo falante e ouvinte como um episódio verbal. Qualquer instância de comportamento verbal emitido pelo falante pode se enquadrar em categorias de operantes verbais, tais como tatos, mandos e intraverbais (Skinner, 1957). Essas premissas—de que o comportamento verbal é operante e de que sua classificação depende das variáveis controlando o estabelecimento e manutenção deste operante—influenciam o planejamento e condução de investigações influenciadas pela proposta skinneriana. É importante ressaltar que o comportamento verbal pode também estar sob controle de partes do ambiente que estão disponíveis a somente um indivíduo, como é o caso da descrição de uma dor na ausência de um ferimento óbvio para outros. Neste contexto, estes eventos são definidos como eventos privados ou encobertos.

Uma dificuldade da proposta skinneriana é a postulação de ocorrência de eventos privados, embora as observações se refiram a eventos públicos (i.e., observáveis por múltiplos indivíduos). Por um lado, a análise do comportamento se fundamenta em uma epistemologia que lida com eventos privados. Por outro lado, investigações analítico-comportamentais se referem a eventos públicos, de comportamentos acessíveis publicamente, mesmo que mediados tecnologicamente (e.g., comportamentos de observação, registrável via tecnologias de rastreamento ocular). Seria, de fato, difícil organizar e manter um sistema científico coerente e monista sem critérios que regulam a capacidade de observabilidade dos objetos de estudo.

Ao mesmo tempo, uma outra filosofia comportamental que também produz análises a respeito de eventos ligados a subjetividade é o interbehaviorismo, originalmente proposto por J. R. Kantor (1888-1984). A psicologia Interbehaviorista é um sistema científico desenvolvido com base em contatos com coisas e eventos, organizado usando uma lógica teórica não causal de campo (Fleming et al., 2025).

Partindo disto, o presente ensaio tem por objetivo contrastar a proposta de eventos privados de Skinner e o construto científico de campo psicológico do interbehaviorismo, apresentado este último enquanto mais viável. Para este fim, serão discutidos e ilustrados como exemplos: (1) os tratamentos de Skinner e Wittgenstein quanto a teorias representacionistas tradicionais do século XX e a influência destas em teorias funcionalistas da linguagem, (2) a abordagem behaviorista radical de eventos privados, (3) o papel da observação enquanto acesso à história comportamental, (4) uma abordagem interbehaviorista quanto à história como fator presente em um evento psicológico e (5) implicações de uma abordagem de campo de evento para o desenvolvimento de avaliações comportamentais. Por fim, espera-se que esta discussão possa auxiliar na construção de uma ponte entre os domínios teórico e empírico, de modo a fomentar novos protocolos, medidas e avaliações comportamentais que se beneficiem de uma lógica de campo psicológico com respeito a eventos linguísticos.

Evitando uma Abordagem Representacionista da Linguagem

Skinner (1963) aponta que a linguagem não é uma entidade ou algoritmo interno presumido como necessário para o desenvolvimento do comportamento verbal público em seres humanos, como é descrito em outras abordagens tradicionais da linguagem do século XX (e.g., Chomsky, 1959). Skinner (e.g., 1957) inverte a referida lógica tradicional ao colocar o comportamento verbal público e suas contingências de controle (as práticas de reforçamento que uma comunidade verbal mantém) como uma condição para a ocorrência de comportamentos verbais encobertos. Esta posição de Skinner inclui uma análise da gramática (Zilio, 2023) e defende uma abordagem antirrepresentacionista da linguagem (Abib, 1999). Em uma visão skinneriana, as contingências de reforçamento determinam as funções de eventos verbais. Estas funções, por sua vez, passam a controlar interações organismo–ambiente de modos particulares. Esta visão contrasta com a tese representacionista de que as palavras (i.e., ações verbais) unilateralmente definem as propriedades necessárias de interações com o ambiente ou, até mesmo, que eventos verbais são independentes de interações.

O pensamento representacionista tradicional defende que a função essencial da linguagem é representar a realidade (Tourinho, 1996). Em outras palavras, toda forma de linguagem seria representação de algo. Tradicionalmente, as teorias que aderem ao representacionismo postulam a existência de processos internos, situados na mente ou no cérebro do indivíduo (Mulinari, 2013). No entanto, uma abordagem mais ampla do representacionismo é discutida por Wittgenstein (1952), para quem o representacionismo na linguagem aparece na noção de que toda linguagem tem

uma correspondência com o mundo, o que pode ser entendido como referencialismo (Wittgenstein, 1952).

Wittgenstein (1952) enfatiza que a gramática de significar não é semelhante à gramática de representar, ou seja, o ato de significar não é feito apenas através de um processo de definição ostensiva. O significado de uma palavra é seu uso na linguagem e é, portanto, comportamento. Um exemplo comum para expressar essa situação é com a palavra dor (Mulinari, 2013). De acordo com a visão representacionista, o termo dor adquiriria significado a partir da imagem mental do próprio sujeito, uma imagem que é privada e inacessível a outros. Neste sentido, o problema que surge é: como alguém pode fazer a conexão entre (a) a palavra dor e (b) algo que supostamente está oculto para esta pessoa (i.e., a imagem mental de outra pessoa)? Wittgenstein e Skinner realizaram esta crítica e, neste sentido, diversos trabalhos já indicaram e discutiram aproximações entre o behaviorismo radical de Skinner e a filosofia da linguagem de Wittgenstein (Abib, 1999; Day, 1969; Dourado et al., 2021; Gier, 1982; Magalhães, 2017; Tourinho, 2007).

Para Skinner (1957/2022), haveria problemas em assumir que as sentenças expressam ideias e que estas, por sua vez, seriam conteúdos mentais das pessoas que as expressam. Uma tentativa de se livrar desse problema consiste em ancorar o significado nas interações indivíduo-ambiente: as palavras teriam como seus significados os eventos funcionalmente relacionados com o uso destas palavras, mas não seria possível identificar o significado de uma sentença como algo independente das circunstâncias de seu uso no contexto da história de um indivíduo (Zilio, 2023). Portanto, o significado não é uma coisa. Não é constituído pelas propriedades físicas dos objetos e/ou eventos aos quais as palavras se referem. O significado deve ser buscado nas contingências de controle do comportamento verbal (Abib, 1994; Skinner, 1974) ou em processos relacionados ao controle de estímulos de comportamentos chamados simbólicos, ou pré-simbólicos, como a formação de conceitos, leitura recombinação, equivalência de estímulos e molduras relacionais (de Rose, Gil & Souza, 2014).

Eventos Privados e Comportamento Verbal: a Proposta Skinneriana

Uma maneira de discutir questões relacionadas ao conceito de referência no trabalho de Skinner (e.g., 1957/2022) é destacada na apresentação do conceito de tato (i.e., operantes verbais sob o controle de estímulos discriminativos não verbais). De fato, a relação entre resposta e estímulo característica do tato pode ser considerada uma relação de referência, denotação ou designação (Skinner, 1957/2022) que inclui tanto as próprias palavras (isoladas, juntas ou em partes) quanto qualquer parte do universo que esteja coordenada com essas palavras. No entanto, Skinner (1957/2022) argumenta que não é possível ou desejável equiparar os termos referência e tato, uma vez que, mesmo a partir deste operante verbal, a noção tradicional de significado não seria adequadamente representada, pois “além de uma relação de referência, temos que considerar a de asserção e a questão de se uma resposta verbal é precisa, verdadeira, etc.” (Skinner, 1957/2022, p. 115,

tradução nossa). Portanto, apesar das semelhanças, o conceito de tato não cumpre uma proposta skinneriana para entender a referência na linguagem.

Esta discussão se torna mais delicada quando Skinner (1945/1984) estende suas reflexões sobre comportamento verbal para incluir instâncias controladas por eventos privados. Neste caso particular de comportamentos verbais, as variáveis de controle não são acessíveis a observadores, potencialmente impondo limitações ao arranjo de contingências de reforçamento por parte de uma comunidade verbal. Neste sentido, estas respostas verbais estariam predominantemente sob o controle de estímulos antecedentes que, neste caso, são os próprios estímulos privados (Skinner, 1945/1984; Dourado et al., 2021). O foco na influência de estímulos privados como estímulos discriminativos para respostas verbais é motivado pelo reconhecimento de que essa é a situação específica em que a privacidade, composta por respostas encobertas, se entrelaça com o entendimento de eventos comportamentais públicos e observáveis (Tourinho, 2006; Palmer, 2011). Este entendimento, de fato, é mais um pressuposto ou uma premissa do que dado empírico, como aponta Baum (2011), já que a barreira de observação do evento é uma característica definidora do construto de evento privado.

A consideração de eventos privados tem implicações para a definição do tato. Comportamentos classificados como tatos, incluindo aqueles sob o controle de eventos privados, requerem a identificação de um antecedente não verbal. No exemplo da palavra dor, a resposta vocal “estou com dor” estaria sob o controle de um evento privado de dor. Isto é, a resposta verbal requer um elemento que não pode ser acessado por outros organismos além daquele que está interagindo com o estímulo privado. Esta interpretação define interações público-privado como relações envolvendo um componente inobservável por definição. Crucialmente, uma implicação importante advinda desta interpretação é que processos comportamentais que estão em categorias distintas de acessibilidade (incluindo comportamentos descritos somente por vias indiretas; e.g., visualizar imagens privadamente) são aceitos como idênticos em termos de relações funcionais.

Limitações da Definição de Evento Privado

Skinner (1953) afirma que, considerando cada indivíduo, uma pequena parte do universo é considerada privada. Esta perspectiva não necessita da suposição de que eventos ocorrendo sob a pele de um organismo tenham propriedades únicas por este motivo. Um evento privado é caracterizado por sua acessibilidade restrita, não por qualquer estrutura especial ou natureza discernível. Neste sentido, uma dor de dente é privada, bem como a música ouvida em fones de ouvido (assumindo que o volume não esteja muito alto; Rachlin, 2018).

Assim, uma visão skinneriana compreende que eventos acessados diretamente apenas pelo organismo podem ser suficientes para a descrição e explicação da ocorrência do comportamento. No entanto, esta compreensão se aproxima da proposição falaciosa de que partes de um organismo é capaz de ações que somente a totalidade de um organismo necessariamente é capaz. Tal falácia mereológica ocorre, por exemplo, quando neurocientistas transferiram os atributos e supostos

funcionamentos psicológicos de uma mente imaterial para um cérebro material e corporal (Bennett & Hacker, 2003; veja Smit & Hacker, 2014 para uma discussão de concepções equivocadas quanto a falácias mereológicas). Apesar de tratamentos teóricos recentes da psicologia cognitiva que evitam este tipo de problema lógico (e.g., Chemero, 2009), propostas neurocientíficas modernas ainda se referem ao cérebro (i.e., uma parte do corpo) como o agente produtor de comportamentos. Assim, mesmo que inadvertidamente, estas propostas substituem o construto hipotético de mente (conforme definido em tradições dualistas) pelo conceito de cérebro.

Alguns críticos (e.g., Burton, 1984) sugerem que uma semelhante permanência de premissas mentalistas também ocorre, em alguma medida, com o behaviorismo radical. Esta visão pode ser articulada da seguinte maneira. Apesar da rejeição explícita de eventos psicológicos controlados pela mente ou pelo cérebro em uma perspectiva behaviorista radical, descrever relações comportamentais em termos de controle exercido por eventos privados é também um construto mentalista. Num sistema teórico behaviorista radical, tanto eventos privados quanto públicos são descritos enquanto participantes de relações organismo–ambiente, apesar das dificuldades empíricas já discutidas com relação a eventos privados (e.g., Day, 1976; Leigland, 2014).

Skinner (1945/1984) afirma que uma análise comportamental de respostas verbais a estímulos privados requer a descrição das operações que funcionam como ocasião para o uso de termos tradicionalmente considerados subjetivos (i.e., uma análise operacional de termos psicológicos). Esta se revela uma tarefa difícil, conforme as questões que apresentamos no presente trabalho. Ao trazer estas questões ainda não solucionadas para os tempos atuais, o uso de avaliações comportamentais baseadas no comportamento verbal de Skinner (e.g., VB-MAPP) para avaliar a linguagem relativa usada pelo falante para descrever eventos privados e sentimentos pode produzir resultados que não são clinicamente válidos. Se cada falante possui um pequeno, mas importante, mundo privado de estímulos (Skinner, 1945/1984), então pode ser inconsistente usar avaliações de eventos verbais públicos para avaliar funcional e operacionalmente repertórios de linguagem relacionados a esses supostos estímulos privados.

Esta inconsistência se encontra no fato de que uma característica das avaliações de linguagem é sua capacidade de identificar variáveis controladoras relacionadas à emissão de algum tipo de comportamento verbal. Se a variável controladora responsável pela emissão do evento verbal é resultado de estímulos privados, então torna-se um problema identificá-los. Um exemplo disto é a capacidade de uma avaliação de linguagem de avaliar a habilidade de um falante de tatear um evento privado, como a dor. Uma avaliação de linguagem será capaz de avaliar o repertório verbal que o falante adquiriu ao longo do tempo para tatear um evento privado, como estimulação dolorosa, mas a avaliação não será capaz de identificar a estimulação dolorosa privada que está atuando como uma variável controladora para eliciar uma resposta verbal específica para este tipo de estimulação.

Análise Interbehaviorista de Fatores Históricos

Um sistema científico que enfatiza explicitamente a participação da história em eventos psicológicos é o interbehaviorismo (Kantor, 1959). Neste sistema, o campo psicológico ou intercomportamental é um evento unitário e objeto de estudo da ciência da psicologia a partir de uma perspectiva interbehaviorista (Hayes e Fryling, 2023). Este evento, também chamado de evento psicológico, é descrito segundo a fórmula $PE = C(k, sf, rf, st, md, hi)$. C indica que todo o campo de fatores é um todo integrado; k se refere à especificidade (i.e., singularidade) do evento, enfatizando que nenhum evento psicológico é idêntico a outro evento, pois cada um é composto por um conjunto e uma organização únicos de fatores; sf e rf remetem à função de estímulo e função de resposta; st são fatores situacionais, que são as circunstâncias imediatas nas quais funções específicas de $sf \leftarrow rf$ estão ocorrendo; md é o meio de contato, referindo-se aos meios pelos quais um organismo biológico entra em contato com um objeto de estímulo físico; e, por fim, hi é a história intercomportamental. Este último fator inclui a biografia reacional das funções de resposta e a evolução das funções de estímulo (funções $sf \leftarrow rf$).

A noção de campo psicológico (Kantor, 1959) adota uma lógica não causal que busca maximizar a consistência interna dos conceitos científicos, a coerência dentro do empreendimento e sua relevância em relação a outras ciências, com o objetivo de desenvolver uma compreensão abrangente das interações entre o organismo como um todo e o ambiente (ver Hayes & Fryling, 2023; Smith & Figueira de Melo, 2024). Conforme destacado por Fleming e colaboradores (2025), é importante ressaltar que nem todas as abordagens da ciência do comportamento adotam o que convencionalmente se entende por análise causal. Historicamente, pesquisadores da área têm privilegiado a análise funcional - ao menos parcialmente - para caracterizar as relações entre eventos comportamentais e ambientais (ver Ribes-Iñesta, 1997). Vale notar que as relações entre variáveis independentes e dependentes nem sempre são interpretadas como causais no sentido clássico do termo, havendo inclusive argumentos de que o behaviorismo radical permite descrever relações funcionais entre comportamento e ambiente sem necessariamente postular causalidade (Laurenti & Lopes, 2008).

Todavia, essas mesmas perspectivas concebem as interações entre organismo e ambiente através do conceito de contingências, as quais vêm sendo reconhecidas como noções causais no âmbito do interbehaviorismo contemporâneo (Fleming, 2024; Hayes & Fryling, 2023). Na esfera interpretativa da psicologia intercomportamental, o conceito de causalidade abarca todo o espectro de relações condicionais, dependentes e interdependentes entre eventos e variáveis contextuais. Nesse marco teórico, as descrições baseadas em contingências inevitavelmente incorporam aspectos de condicionalidade, dependência e interdependência. Uma particularidade da abordagem interbehaviorista reside no fato de que os eventos psicológicos não são descritos simplesmente como contingências, mas sim como campos integrados (Fleming et al., 2025; Hayes & Fryling, 2023).

Interbehavioristas contemporâneos (e.g., Hayes, 1992) definem a história comportamental enquanto participante de uma interação psicológica atual. Uma

abordagem interbehaviorista enfatiza que, embora indivíduos aparentem responder a estímulos que não estão presentes (e.g., ver alguém na ausência dessa pessoa; Skinner, 1974), as funções de estímulo relacionadas à resposta estão necessariamente presentes. Se eu olhar para um livro específico, é possível que eu parcialmente veja um amigo que há muito tempo não vejo, já que o objeto original (o amigo enquanto organismo) pode ter sido associado temporal e espacialmente com o livro de várias maneiras (Kantor, 1924). Quando funções originalmente observadas em um objeto (e.g., suas propriedades de cor e forma) são agora observadas em outra parcela do ambiente devido a associações passadas, podemos descrever esse processo genericamente como uma substituição de funções de estímulo. Embora esta análise lembre análises de behavioristas radicais (e.g., Skinner, 1957/2022), uma análise interbehaviorista enfatiza que a história comportamental é um fator que se mostra analisável mediante observações. Em contraste, uma análise behaviorista radical pode localizar a história como armazenada na fisiologia do organismo (e.g., Skinner, 1974).

Nesta perspectiva, é o fenômeno da substituição de estímulos que potencialmente dá origem à conclusão precipitada e inadequada de que a resposta é capaz de ocorrer na ausência de estimulação funcionando como tal. Em vez de postular eventos privados a partir de inferências advindas de eventos correlatos, uma análise comportamental pode se beneficiar de uma consideração monista dos fatores históricos que participam das funções de estímulos e respostas de interesse. As funções de estímulo e resposta evoluem (i.e., se desenvolvem) à medida que associações espaciotemporais entre os fatores do campo psicológico passam a participar de novas configurações da interação psicológica de interesse. Conforme funções de estímulo e resposta se desenvolvem enquanto participantes de distintas unidades comportamentais (e.g., em variadas condições), a história comportamental se torna mais específica enquanto participante do campo. Por exemplo, o comportamento de discriminar exemplares de cachorros e gatos de acordo com sua espécie se estabelece por meio de uma história de interações. Quando vemos um novo indivíduo da espécie cachorro, como um objeto presente, a história de interações com outros cachorros interage com as funções de estímulo e resposta. Neste caso, estamos considerando um caso de substituição de estímulos que os analistas de comportamento geralmente chamam de generalização de estímulo. Funções de estímulo podem também estar coordenadas com uma história comportamental envolvendo associações espaciotemporais entre objetos (i.e., outros fatores que ocorrem simultaneamente à presença de cachorros; e.g., palavras usadas, entonação, odores, pessoas, ambientes, iluminação etc.). Crucialmente, a perspectiva interbehaviorista rejeita a noção de história enquanto agente causador do comportamento, independente de observabilidade ou localização (Hayes, 1992). Em vez disso, o termo história comportamental é usado para se referir à evolução das funções de estímulo–resposta que um cientista pode acessar por meio de múltiplas observações estendidas no tempo.

Quanto maior o grau de desenvolvimento ao longo do tempo de funções estímulo–resposta em uma relação recíproca com a história comportamental, mais implícitas são nossas reações (Kantor, 1924). Por fases implícitas de reações,

referimo-nos somente ao fato de que, ao longo do tempo, há um aumento na proporção de fatores históricos participando do evento psicológico. Este relativo aumento em reações implícitas torna a descrição de uma unidade comportamental uma tarefa que requer a descrição dos fatores, sendo a contingência final a ponta de um longa cadeia interativa de eventos históricos materializados no comportamento presente. Portanto, cientistas só podem descrever as funções de estímulo–resposta adequadamente se eles (os cientistas) compartilharem uma história com o indivíduo observado, sob diferentes perspectivas da evolução dessas funções.

Para tornar mais evidente a relevância da noção de substituição de estímulos, considere o seguinte exemplo. Um cientista observa alguém chorando enquanto esta outra pessoa olha para uma edição do livro *The Behavior of Organisms*, de Skinner (1938). Após descartar obviamente explicações puramente filogenéticas para este evento, o cientista considera outras possibilidades, como condicionamento respondente (e.g., o livro esteve presente em situações em que dor foi infligida) e condicionamento operante, como tipicamente definido (e.g., chorar na presença do livro de alguma forma produziu consequências reforçadoras). Para resolver isto, o cientista provavelmente terá que acessar a história particular de atividades que envolveram o indivíduo e livros em geral e, talvez, com aquele livro em particular. O cientista pode tentar acessar essa história de várias maneiras; ele pode observar diretamente o indivíduo em situações semelhantes àquela em que o choro ocorreu, de modo a identificar possíveis fatores mantendo a frequência do choro na presença daquele livro, presumindo que os fatores atualmente observados também possam estar relacionados à situação em que o desenvolvimento desse comportamento ocorreu anteriormente. O cientista também pode solicitar relatos de pessoas que observaram diretamente nosso indivíduo de interesse em contextos semelhantes e anteriores ao envolvimento do cientista no caso, como um amigo de longa data ou o próprio indivíduo.

De qualquer forma, o cientista acessa um padrão de atividades e busca descrever quais outros elementos também participam do evento de interesse, além daqueles contidos na observação inicial (e.g., o choro, o livro, a biblioteca). Sem a observação de padrões de atividades, o cientista não tem como selecionar estratégias potencialmente adequadas para mudar este comportamento (assumindo que este seja o objetivo). Em outras palavras, à medida que o cientista toma parte em mais observações do comportamento de alguém e suas circunstâncias, ele está efetivamente acessando a história que participa do comportamento de interesse. Os fatores relevantes para explicar o evento de interesse são proeminentemente históricos, não internos ou privados, pois múltiplas observações revelam tais fatores. Podemos esclarecer a distinção entre eventos históricos e eventos privados da seguinte maneira.

Fatores históricos são necessariamente eventos que participaram de interações anteriores de maneira observável. Em contraste, um evento privado não é passível de observação. Um caso particularmente relevante para este ponto é aquele em que um instrumento permite o acesso a eventos fisiológicos internos. Analistas do comportamento que aderem à noção de eventos privados (e.g., Skinner, 1945/1984) poderiam argumentar que, neste caso, eventos privados se tornam públicos. E

necessário perguntarmos, no entanto, se o evento interno acessado é idêntico àquele descrito como privado em um momento anterior. Esta não é uma questão trivial. Por exemplo, a dor de dente (hipotetizada como privada) permanece inacessível, apesar da mensuração de quaisquer sinais neurofisiológicos. Atribuir o mesmo nome (e.g., “dor”) tanto para um evento não acessível (e.g., a dor) quanto para um correlato acessível (e.g., atividade cerebral) pode então levar a falácias mereológicas, conforme discutimos anteriormente. É importante frisar, no entanto, casos em que a característica de um evento histórico (conforme definimos) pode se sobrepor a certas definições de eventos privados. Por exemplo, quando alguém menciona uma refeição feita na ausência de outros observadores, a refeição se relaciona ao comportamento verbal enquanto um evento histórico. Em certas acepções, a ausência de outros observadores é suficiente para classificar um evento como privado (e não a impossibilidade de interagir com esse evento). Esta ambiguidade do termo evento privado no behaviorismo radical, então, torna seu uso (a) impreciso e (b) capaz de ocultar noções mentalistas de comportamento.

Este tipo de análise se alinha às críticas advindas de uma abordagem molar do comportamento, que considera eventos de acordo com um continuum de extensão temporal do controle exercido por eventos sobre o comportamento. Isto é, uma abordagem molar efetivamente rejeita a classificação de eventos em dicotomias ou continuidades público-privado. Em vez disso, um tratamento molar do comportamento considera fatores históricos e imediatos em termos da sensibilidade de uma classe de comportamentos em ser influenciada por distintos graus de propriedades temporais (Rachlin, 1994; Baum, 2011).

Implicações de uma Análise Interbehaviorista

Embora a abordagem interbehaviorista ofereça uma abordagem epistemológica e científica coerente para a psicologia e outras ciências, as implicações de alguns de seus conceitos e da adoção de uma visão de campo para pesquisas aplicadas podem não ser evidentes à primeira vista e devido a isso geram críticas (e.g., Neves Filho & Magalhães, 2021). Frente a isto, discutiremos agora como uma abordagem interbehaviorista da história comportamental pode contribuir para a descrição de comportamentos convencionalmente descritos sob controle de eventos privados. Crucialmente, argumentaremos que uma abordagem interbehaviorista de campo enfatiza elementos do comportamento e variáveis controladoras de uma maneira complementar e, em algumas medidas, mais direta e manipulável empiricamente do que a visão skinneriana tradicional sobre eventos privados.

Quando analisamos o comportamento de um organismo verbal, o foco está em identificar os fatores relevantes do ambiente, bem como as funções das respostas e estímulos de interesse. A alternativa que a abordagem interbehaviorista oferece dá espaço aos contatos do cientista com os fatores que participam nos comportamentos de interesse. Onde estão as sensações e sentimentos da criança? Estes são os fatores que compõem o evento psicológico, descrito pelo observador. Cada nova observação, em cada novo contexto e ambiente, passa a compor as descrições que o cientista do comportamento constrói com respeito aos fatores que participam do

evento de interesse. O avaliador completa o processo de avaliação quando todos os fatores relevantes participantes no comportamento da criança são suficientemente descritos — ou o mais próximo possível desse objetivo, dadas as limitações dos recursos disponíveis.

Um leitor de orientação skinneriana pode estar se perguntando qual é a principal diferença aqui, em comparação com a abordagem analítico-comportamental convencional. Em resumo, uma análise interbehaviorista coloca os chamados eventos privados onde eles de fato estão, no momento em que ocorrem: na interação de todos os elementos que, juntos, compõem um campo psicológico. Não há suposição de algo interno ou apenas acessível em princípio ao cliente ou participante. Toda interação psicológica é multifatorial e, nesse sentido, as atualizações nas funções de estímulos e respostas estão interrelacionadas a uma história de interações.

Ao utilizar o construto do campo de evento, o avaliador interbehaviorista otimiza o processo de avaliação ao evitar entidades ocultas baseadas em representações e, ao mesmo tempo, reconhecendo que há participantes no campo que não estão prontamente disponíveis em uma única observação — esses são fatores históricos, implícitos (Kantor, 1924). Assim, evita também uma linearidade causal que pode ofuscar interações entre eventos importantes. É por meio de múltiplas observações que o avaliador e o cliente, ou o cientista e o participante, passam a compartilhar uma história comum com relação aos fatores presentes, e estes podem ser suficientemente descritos. Quanto mais observações um cientista conduz, mais precisas se tornam as descrições dos comportamentos de interesse e seus fatores de interação em um campo psicológico. Considere agora esta análise interbehaviorista em contraste com a estratégia skinneriana de remontar a origem dos eventos privados inferidos de volta ao ambiente considerado público, que controla a ocorrência dos eventos privados. Muitos analistas de comportamento, em sua prática, podem descobrir que já desenvolveram práticas de investigação com uma lógica semelhante à proposta aqui, mas enfatizamos aqui que esta prática é incidental ao behaviorismo radical. Skinner (e.g., 1974) não descreveu suficientemente as premissas subjacentes à sua visão da ciência em geral e suas disciplinas específicas, deixando outros com a tarefa de explorar e refinar o que consiste o behaviorismo radical (e.g., Chiesa, 1994). A abordagem de Kantor (1924, 1959), no entanto, oferece à ciência do comportamento um sistema com premissas explícitas.

Considerações Finais

A perspectiva behaviorista radical apresenta incongruências filosóficas ao discutir eventos privados. Sob esta perspectiva, avaliações verbais que são desenvolvidas e baseiam a análise e intervenção nesta perspectiva, carregam consigo estas mesmas incongruências e seus derivados. Neste caso, uma primeira possível mudança para refinar a avaliação verbal é uma revisão, ou variação filosófica. Neste manuscrito, sugerimos uma abordagem interbehaviorista como uma possibilidade de desenvolver este refinamento.

Outras formas de compreender eventos privados e linguagem são possíveis sob uma abordagem comportamental (e.g., Rachlin, 1992) e pragmática (e.g.,

Wittgenstein, 1952), alternativas ou complementares à abordagem de Skinner (1957/2022). Entendemos que a abordagem interbehaviorista é eficiente e parcimoniosa para alcançar o objetivo deste artigo em apresentar uma alternativa complementar sem recorrer ao representacionismo. Alternativa esta que pode enriquecer a criação de protocolos de avaliação comportamental, na medida em que privilegia e dá destaque aos fatores que participam em um campo psicológico. Ao partir de um modelo que evidencia as interações destes fatores, é possível desenhar investigações que foquem diretamente nas variáveis de interesse. Por exemplo, talvez seja mais proveitoso ao behaviorismo radical enfatizar eventos históricos ao invés de eventos privados em suas análises.

Neste trabalho, o objetivo foi avançar este debate a partir de uma abordagem interbehaviorista dos eventos privados. O principal ponto inovador de adotar uma perspectiva de campo é sugerir a alternativa de tratar o passado (e.g., eventos históricos; frequentemente tratados como eventos privados) como parte do presente, em interação com um campo psicológico de fatores integrados. Esperamos que a lógica intercomportamental aqui exposta possa gerar orientações a uma ciência do comportamento que contemple cada vez mais a riqueza de interações que ocorrem entre um organismo e seu ambiente.

Referências

- Abib, J. A. D. (1994). O contextualismo do comportamento verbal: A teoria skinneriana do significado e sua crítica ao conceito de referência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 473-487.
- Abib, J. A. D. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 237-247. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000300007>
- Baum W. M. (2011). Behaviorism, private events, and the molar view of behavior. *The Behavior Analyst*, 34(2), 185-200. <https://doi.org/10.1007/BF03392249>
- Bennett, M. R. & Hacker, P. M. S. (2003). *Philosophical foundations of neuroscience*. Wiley-Blackwell.
- Burton, R. G. (1984). B. F. Skinner's account of private events: A critique. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 14(1), 125-140. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1984.tb00491.x>
- Chemero, A. P. (2009). *Radical embodied cognitive science*. The MIT Press.
- Chiesa, M. (1994). *Radical behaviorism: The philosophy and the science*. Authors Cooperative.
- de Rose, J. C., Gil, M. S. C. A. & Souza, D. G. (2014). *Comportamento simbólico: Bases conceituais e empíricas*. Cultura Acadêmica Editora.
- Chomsky, N. (1959). A review of BF Skinner's Verbal behavior. *Language*, 35(1), 26-58. <https://doi.org/10.2307/411334>
- Day, W. (1976). Analyzing verbal behavior under the control of private events. *Behaviorism*, 4(2), 195-200.
- Day, W. F. (1969). On certain similarities between the Philosophical Investigations of Ludwig Wittgenstein and the operationism of B. F. Skinner. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 12, 489-506. <https://doi.org/10.1901/jeab.1969.12-489>
- Dourado, L. B., Lopes, C. E. & Pompermaier, H. M. (2021). O besouro na caixa de Skinner. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37221. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37221>
- Fleming, W. (2024). The elephant in the field. *Behavior and Social Issues*, 33(1), 107-115. <https://doi.org/10.1007/s42822-024-00160-x>
- Fleming, W., Thomas, J., Abdala, M. & Neves Filho, H. B. (2025). Uma ciência intercomportamental das relações socioculturais como eventos referenciais. *Acta Comportamentalia*, 33(2), 253-274. <https://doi.org/10.32870/ac.v33i2.88581>
- Finn, M. & Barnes-Holmes, D. (2021). In support of reacquainting functional contextualism and interbehaviorism. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 19, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.11.001>
- Gier, N. F. (1982). Wittgenstein, intentionality, and behaviorism. *Metaphilosophy*, 13(1), 46-64. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9973.1982.tb00290>
- Hayes L. J. (1992). The psychological present. *The Behavior Analyst*, 15(2), 139-145. <https://doi.org/10.1007/BF03392596>
- Hayes, L. J. & Fryling, M. J. (2023). *Interbehaviorism: A comprehensive guide to the foundations of Kantor's theory and its applications for modern behavior analysis*. Context Press.

- Kantor, J. R. (1924). *Principles of Psychology (Vol. 1)*. Principia Press.
- Kantor, J. R. (1959). *Interbehavioral psychology: A sample of scientific system construction* (2nd rev. ed.). Principia Press.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2008). Uma explicação não-causal do comportamento no behaviorismo radical. *Acta Comportamentalia*, 16(3), 379-397. <https://doi.org/10.32870/ac.v16i3.18120>
- Leigland S. (2014). Contingency horizon: On private events and the analysis of behavior. *The Behavior Analyst*, 37(1), 13-24. <https://doi.org/10.1007/s40614-014-0002-5>
- Magalhães, T. O. (2017). Sobre certas dissimilaridades entre Wittgenstein e Skinner. *Princípios: Revista de Filosofia*, 24(43), 175-225. <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2017v24n43ID10297>
- Mulinari, F. (2013). A noção tradicional de Vorstellung segundo as investigações filosóficas de Ludwig Wittgenstein. *Kinesis: Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, 5(10), 30-46. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4531/3337>
- Nelson, R. O. & Hayes, S. C. (1979). Some current dimensions of behavioral assessment. *Behavioral Assessment*, 1, 1-16.
- Neves Filho, H. B. & Magalhães, T. d. O. (2021). A critical appraisal of Ribes' theory of psychology. In D. Zilio & K. Carrara (Eds.), *Contemporary behaviorisms in debate* (pp. 315-326). Springer Nature. https://doi.org/10.1007/978-3-030-77395-3_20
- Palmer D. C. (2011). Consideration of private events is required in a comprehensive science of behavior. *The Behavior Analyst*, 34(2), 201-207. <https://doi.org/10.1007/BF03392250>
- Rachlin, H. (1992). Teleological behaviorism. *American Psychologist*, 47(11), 1371-1382. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1371>
- Rachlin H. (1994). *Behavior and mind*. Oxford University Press.
- Rachlin, H. (2018). Is talking to yourself thinking? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 109(1), 48-55. <https://doi.org/10.1002/jeab.273>
- Ribes-Iñesta, E. (1997). Causality and contingency: Some conceptual considerations. *The Psychological Record*, 47(1), 619-635. <https://doi.org/10.1007/BF03395249>
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. Simon and Schuster.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1963). Operant behavior. *American Psychologist*, 18(7), 503-515. <https://doi.org/10.1037/h0045185>
- Skinner, B. F. (1984). The operational analysis of psychological terms. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 547-553. (Texto originalmente publicado em 1945) <http://doi.org/10.1017/S0140525X00027187>
- Slocum, T. A., Detrich, R., Wilczynski, S. M., Spencer, T. D., Lewis, T., & Wolfe, K. (2014). The evidence-based practice of Applied Behavior Analysis. *The Behavior Analyst*, 37(1), 41-56. <https://doi.org/10.1007/s40614-014-0005-2>
- Smit, H., & Hacker, P. M. S. (2014). Seven misconceptions about the mereological fallacy: A compilation for the perplexed. *Erkenntnis*, 79, 1077-1097.

- Smith, C. A. & Figueira de Melo, A. F. (2024). Uma introdução ao interbehaviorismo: Contribuições para uma ciência natural do comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 20, 156-168. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v20i0.16582>
- Tourinho, E. Z. (1996). Behaviorismo radical, representacionismo e pragmatismo. *Temas em Psicologia*, 4(2), 41-56.
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses, and private events: Conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29(1), 13-31. <http://doi.org/10.1007/BF03392115>
- Tourinho, E. Z. (2007). Conceitos científicos e eventos privados como resposta verbal. *Interação*, 11, 1-9. <http://doi.org/10.5380/psi.v11i1.6491>
- Wittgenstein, L. (1952). *Philosophical investigations*. John Wiley & Sons.
- Zilio, D. (2023). Análise do significado dos termos psicológicos ou análise comportamentalista dos termos psicológicos? *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14, 50-58. <https://doi.org/10.18761/JADA0330008>

(Received: October 15, 2024; Accepted: May 06, 2025)